



RELATO DE EXPERIÊNCIA: UMA PASSAGEM PELO ESPAÇO NÃO FORMAL DE ENSINO

MARIANA NINA DIAS VIEIRA LIMA

RESUMO

Esse relato traz uma reflexão acerca da vivência em um espaço não-formal de ensino vivenciado dentro do componente curricular de Estágio Supervisionado I - Espaço não Formal. Inicialmente será abordado sobre como é tido o espaço não formal onde ocorreu o estágio e posteriormente como foi pensado e aplicado o projeto de intervenção, na qual o objetivo era levar uma dinâmica mais interativa e lúdica para a área da biologia, remetendo a teoria da evolução e a botânica e posteriormente será abordado quais resultados foram alcançados. A metodologia utilizada foi a qualitativa que utiliza o foco em respostas individuais, se baseando em experimentações de experiências. A coleta de dados ocorreu com o registro em Diário de formação, preenchido continuamente em toda a vivência do estágio, tanto no campo quanto no encontro de orientação. No diário foi registrada toda a experiência, rotinas, constatações estruturais, recursos humanos, didáticos, minúcias dos momentos com os sujeitos diversos que visitaram a instituição e participaram das atividades no período de estágio. Os registros foram discutidos e organizados de modo a confrontar as constatações, reflexões teóricas e discussões nos encontros de orientação e no campo de estágio. Será abordado um dos pontos mais importantes para quem vai fazer a mediação em um espaço não-formal, a transposição didática, tendo em vista que o mediador não poderá fazer essa transposição de uma forma igualitária para todos os públicos. No final do período foi concluído que o local onde se passou o estágio não se tratava de um espaço não-formal de ensino, tendo em vista que se qualificava como uma extensão da escola, que não vai de encontro com a adequação de um espaço não-formal.

Palavras-chaves: Não-formal; Educação; Didática; Transposição; Biologia.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o espaço não formal de educação é tido como algo mais natural, e tem como exemplos os museus, zoológicos, feiras de ciências e parques, sendo um local onde o público consiga ter acesso a temas, conceitos, processos e ambientes, que coloquem em pauta discussões que podem ou não se relacionarem com a escola, que espaço de educação formal.

Quando tratamos da educação não-formal, a comparação com a educação formal é quase que automática. O termo não-formal também é usado por alguns investigadores como sinônimo de informal (GOHN, 2006). Durante os encontros de orientação no componente curricular de Estágio Supervisionado I - Espaço não-formal, ocorreram vários debates acerca da diferença entre os espaços de ensino, e uma dúvida marcante era a diferença entre espaço não-formal e informal, pois para muitas pessoas eles podem acabar tendo o mesmo significado. Entretanto, foi demonstrado que o espaço não-formal de educação é aquele onde ocorre a exploração de conteúdos da escolarização formal, de um modo próprio, conforme a estrutura e objetivo de cada instituição, fora da sala de aula das escolas. Já a educação informal, é tida como tudo que o indivíduo aprende de forma “popular” e também fora da sala de aula.

O presente artigo se constrói com essa discussão, que foi parte do arcabouço de

reflexões estruturantes para a realização do estágio curricular supervisionado obrigatório, em uma universidade federal do Nordeste brasileiro que, pauta na formação do professor de Ciências e Biologia, a atuação em espaços não-escolares. No cerne das discussões, fizemos um recorte que nos trouxe inquietações: As características organizacionais, científicas, pedagógicas, formativas de um espaço-formal, olhando para a experiência na Usina Ciência. Desse modo, o objetivo deste escrito é relatar a experiência de Estágio Supervisionado na Usina Ciência, refletindo sobre as características dessa estrutura como espaço não-formal, em Ciências Biológicas.

O objetivo desse relato é o cumprimento do componente curricular Estágio Supervisionado I - Espaço não Formal, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Alagoas, além de levantar inquietações sobre o que caracteriza um espaço não-formal de ensino e se o local onde ocorreu o estágio se enquadra nesses requisitos.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Durante o período de estágio na Usina Ciências compartilhei dessa experiência com mais quatro colegas de turma, onde tivemos inicialmente um momento de ambientação do espaço juntamente com o coordenador e podemos observar que alguns dos modelos estavam deteriorados, pois a Usina Ciência veio de um período em que esteve fechada após a Pandemia do Covid-19. A princípio o espaço não estava aberto ao público por estar passando por algumas reformas estruturais, essa reforma durou cerca de mais da metade do nosso estágio, e nesse período ficamos fazendo a restauração e confecção de modelos didáticos para serem utilizados durante a mediação com os visitantes.

Quando as inscrições para que as escolas pudessem visitar o espaço, e as mediações tiveram início, nós percebemos que a parte da biologia era a menos atrativa dentre os outros momentos que eram apresentados (química, física, geografia e astronomia), e decidimos então usar do nosso projeto de intervenção para criar uma dinâmica onde os visitantes tivessem mais interação com a biologia e tornasse mais atrativo.

Durante a Semana da Biologia que ocorre anualmente no Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde nós tivemos a oportunidade de fazer um minicurso com uma professora de Aracaju que fez uma dinâmica apenas com algumas sementes, uma pinça, uma tesoura sem ponta e um prendedor de roupa e na hora um colega comentou e poderíamos levar essa dinâmica para nosso atual local de estágio. Posteriormente foi marcada uma reunião com a professora que ministrou o curso via Meet para que nos explicasse melhor sobre como poderia ser aplicada essa dinâmica em um espaço não formal. E a partir dessa interação na Semana da Biologia foi montado o roteiro para que ficasse disponível para os próximos estagiários e monitores. Dessa forma é feita a intervenção com o objetivo de tornar a área de biologia mais atrativa e dinâmica.

3 DISCUSSÃO

Tive a oportunidade de ser mediadora algumas vezes dentro do campo de estágio, durante esses momentos fiquei responsável pela dinâmica da seleção natural (dinâmica das sementes), que foi colocada como projeto de intervenção para a Usina Ciência. Ser mediador é um papel muito importante dentro do espaço não-formal, já que ele é o responsável por transmitir o conhecimento para o visitante. É necessário ter sempre em mente a adequação do vocabulário para cada público alvo, já que esse deve ser um local de fácil acesso para que instigue os visitantes a aprender mais e sempre fazendo o papel de cativá-los com o conhecimento.

Como foi citado anteriormente, para que ocorra a visita, é necessário fazer um

agendamento prévio por um site disponibilizado para as escolas, e nesse momento do agendamento os professores podem escolher qual área do conhecimento eles querem que seja ministrada durante a mediação, e até mesmo qual o tema. Durante algumas leituras e discussões feitas em sala de aula foi levantado o questionamento em relação a Usina ciência ser efetivamente um espaço não formal. Ficamos com essa reflexão em mente e chegamos ao ponto de não identificar como sendo um espaço não formal, tendo em vista que em muitos momentos o espaço se apresenta mais como uma extensão da escola, já que os professores levam seus alunos pensando em termos pré determinados, temas esses que comumente são os que estão sendo trabalhados em sala de aula.

Durante a atual graduação nós discutimos muito em sala de aula se realmente estamos sendo preparados para sermos professores de biologia. Temos aulas de Didática, Ensino de Biologia, Profissão Docente, entre outras, mas não sentimos muito que estamos sendo moldados para nossa futura profissão em conjunto com os assuntos que serão abordados sobre biologia na educação básica. Entretanto, esse estágio dentro do espaço não-formal, me possibilitou ter um entendimento real sobre o papel do professor, observando a importância de ter o conhecimento específico sobre o assunto que vai ser abordado e também a consciência da adequação da forma de transposição desse conteúdo.

O estágio em sua mais pura expressão era tido apenas como uma parte da formação profissional onde aplicaríamos na prática o que foi visto de forma teórica e por onde todos passaríamos em algum instante, mas com a evolução da educação e de suas pesquisas, foi visto que o estágio tem o papel importante na formação de um professor reflexivo.

(...) É necessário explicitar-se os conceitos de prática e de teoria e como compreendemos a superação da fragmentação entre elas a partir do conceito de práxis, o que aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade. (PIMENTA; LIMA 2005).

Tendo em vista o estágio dentro do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, CARVALHO (2012) afirma que a contextualização dos conteúdos conceituais se torna mais fácil e proveitoso se o professor levar em conta os aprendizados dos alunos fora da sala de aula, visando que o aprendizado de novos conteúdos se dá a partir de conhecimentos prévios do indivíduo. No espaço não-formal se leva muito em conta essa questão, tentando sempre relacionar o tema da mediação com possíveis vivências que o público já possa ter tido e que tenha ligação com o assunto abordado.



Fonte: Elaborada pelo autor (2023).



Fonte: Elaborada pelo autor (2023).



Fonte: Elaborada pelo autor (2023).



Fonte: Elaborada pelo autor
(2023).



Fonte: Elaborada pelo autor
(2023).



Fonte: Elaborada pelo autor
(2023).

4 CONCLUSÃO

Portanto, a oportunidade de vivenciar o estágio em um espaço não-formal e ainda ter os debates sobre o tema em questão dentro de sala de aula me proporcionou uma maior compreensão sobre a transposição didática dentro de um espaço não-formal de ensino. Essa interação direta fora da sala de aula com os alunos e professores da educação básica me trouxe uma reflexão acerca da importância da adaptação dos conteúdos que serão apresentados, para que realmente consiga atingir o público de uma maneira eficaz.

Tendo em vista que o espaço não-formal não deve ser uma extensão da escola, ou seja, os visitantes não necessariamente terão um conhecimento prévio sobre os temas que serão apresentados durante a visita ao espaço, por isso os mediadores precisam conseguir se adaptar a essa realidade, onde saber a melhor forma de passar o tema é fundamental para que os visitantes, compreendam e permaneçam interessados pelos conteúdo.

REFERÊNCIAS

ROSSI, D. F. **A importância do estágio supervisionado**. São Paulo: ETEC de Tiquatira, 2012.
ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. **O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente**. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira da. (Org.). Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática. Natal: EdUFRN, 2005.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Os Estágios nos Cursos de Licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

VIEIRA, V.; BIANCONI, M. L.; DIAS, M. Espaços não-formais de ensino e o currículo de Ciências. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 57, n. 4, out/dez. 2005.